

ENTRE CÍRCULOS: PERCEÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS URBANOS LÚDICOS PARA OS AUTISTAS

ENTRE CÍRCULOS: PERCEPCIÓN SOBRE LA IMPORTANCIA DE LOS ESPACIOS URBANOS LÚDICOS PARA EL AUTISMO

BETWEEN CIRCLES: PERCEPTION ABOUT THE IMPORTANCE OF URBAN PLAY SPACES FOR AUTISM

TRONCOSO, MARCIA URBANO

Mestre, UnB, E-mail: marciaurbanotroncoso@gmail.com

VERGARA, LIZANDRA GARCIA LUPI

Doutora, UFSC, E-mail: lizandravergara@gmail.com

RESUMO

O tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema de saúde coletiva que congrega diversas áreas de conhecimento. O objetivo deste artigo é conhecer a percepção dos profissionais de saúde sobre a importância dos espaços urbanos lúdicos para crianças com TEA. Em entrevistas sobre o assunto, terapeutas expressaram preocupação com a falta de ambientes inclusivos nas cidades. Para eles, a arquitetura poderia servir como capa protetora, mediando o contato de seus pacientes com o exterior, de forma gradual e convidativa. O autismo infantil e a cidade vista como um grande *playground* foram objetos da revisão bibliográfica deste trabalho. A aplicação do método de análise de conteúdo permitiu a organização de noventa extensas respostas, sintetizadas em quadros e gráficos. As questões tentam verificar se e como os ambientes lúdicos poderiam ajudar crianças com TEA a compreender as diferenças entre o seu EU e o MUNDO à sua volta. Os resultados apontam para a necessidade de arquitetos e urbanistas, trabalhando em equipes interdisciplinares com profissionais de saúde, em prol da adequação de projetos que visem a concepção de ambientes urbanos acolhedores voltados a cidades mais inclusivas e amigáveis a todos.

PALAVRAS-CHAVE: autismo; arquitetura; urbanismo; lúdico; inclusão.

RESUMEN

El tratamiento de los niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) es un tema de salud colectiva que une muchas áreas de conocimiento. El objetivo de este artículo es conocer la percepción de los profesionales de la salud sobre la importancia de los espacios recreativos urbanos para los niños con TEA. En entrevistas sobre el tema, los terapeutas expresaron su preocupación por la falta de entornos inclusivos en ciudades. Para ellos, la arquitectura podría servir como una cubierta protectora, al conectar las personas con el exterior, de manera gradual y atrayente. El autismo infantil y la ciudad vista como un gran patio de recreo fueron objeto de la revisión bibliográfica de este trabajo. La aplicación del método de análisis de contenido permitió la organización de noventa extensas respuestas, resumidas en tablas y gráficos. Las preguntas intentan verificar si los lugares lúdicos podrían ayudar a los niños con TEA a comprender las diferencias entre su SER y el MUNDO que los rodea. Las respuestas apuntan para la necesidad de más arquitectos y urbanistas, trabajando en equipos interdisciplinarios con profesionales de la salud, a favor del dibujo de espacios acogedores para la creación de una ciudad más inclusiva y amigable a todos.

PALABRAS CLAVES: autismo; arquitectura; urbanismo; lúdica; inclusión.

ABSTRACT

Treatment of children with autism spectrum disorder (ASD) is a collective health issue that brings together several areas of knowledge. The objective of this article is to know the perception of health professionals about the importance of urban recreational spaces for children with ASD. In interviews on the subject, therapists expressed concern about the lack of inclusive environments in our cities. For them, architecture could serve as a protective cover, mediating the contact of their patients with the outside, in a gradual and inviting way. Child autism and the city seen as a big playground were objects of the literature review of this work. The application of the content analysis method allowed the organization of ninety extensive responses, summarized in tables and graphs. The questions try to verify if and how playful environments could help children with ASD to understand the differences between their SELF and the WORLD around them. The results point to the need for architects and urban planners, working in interdisciplinary teams with health professionals, in favor of the design of welcoming environments aimed at more inclusive and friendly cities for all.

KEYWORDS: autism; architecture; urbanism; ludic; inclusion.

Recebido em: 02/05/2022

Aceito em: 06/09/2022



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.7, n.3, setembro de 2022

1 INTRODUÇÃO

Dentro de seu mundo singular, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) costuma se manifestar com movimentos corporais circulares e repetitivos em decorrência da ansiedade provocada pelo contato com o mundo exterior. Assim, a imagem paradoxal do círculo - dinâmica e introspectiva - seria uma interessante metáfora para representar o autismo pois, além de remeter à ideia de movimento giratório, direciona o olhar para um ponto estático, ou seja, o centro de seu vazio interno.

[...] o ser é sucessivamente condensação, que se dispersa explodindo, e dispersão, que refluí para um centro. O exterior e o interior são íntimos: estão sempre prontos a se inverter, a trocar sua hostilidade. Se há uma superfície-limite entre tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados. (BARCHELARD, 2000, p. 221)

Terapeutas e pais tentam fazer a ponte entre o isolamento do mundo circunscrito de crianças portadoras de autismo com outros círculos sociais, mas esse processo de mediação entre os mundos interno e externo, demanda muita cautela. Nesse texto, busca-se alertar sobre o fato de que a inclusão social dessas crianças é ainda uma distante meta a ser alcançada nas cidades contemporâneas.

O principal objetivo deste artigo é verificar, por meio de entrevistas, como os profissionais de saúde percebem a contribuição de arquitetos e urbanistas, ao integrarem equipes interdisciplinares a fim de incorporar na cidade elementos projetuais lúdicos mais sensíveis aos cinco sentidos dos portadores de TEA. No que diz respeito aos objetivos específicos, pretende-se pesquisar as interseções entre três grandes áreas:

- **Autismo e expressão corporal.** Trata-se de conhecer, por meio de profissionais de saúde, quais estereótipias (movimentos repetitivos) aparecem com mais frequência nas crianças com TEA, e quando esses determinados comportamentos aparecem. Isso desvendaria o porquê de algumas situações e relações com o meio ambiente incentivarem a aparição destes gestos.
- **Arquitetura como casca protetora.** Procura-se investigar as vantagens e desvantagens de terapias realizadas em ambientes internos ou externos, além de verificar se, ao filtrarem o excesso de estímulos ameaçadores provenientes do espaço urbano, os terapeutas conseguem perceber a arquitetura como uma casca protetora para as crianças com autismo, mediando sua relação com o mundo externo.
- **Urbanismo lúdico inclusivo.** Pretende-se compreender de que forma os ambientes urbanos lúdicos contribuem para amenizar o receio que os portadores de TEA possuem em relação ao espaço externo, estabelecendo certa empatia em relação a este público infantil em especial.

Nesse artigo, a revisão bibliográfica (primeiro item) tem o intuito de esclarecer os delicados temas norteadores da investigação: o autismo infantil, a arquitetura como objeto mediador e o urbanismo lúdico. Seguem-se o método empregado no estudo, os principais resultados obtidos e nossas reflexões finais sobre o tema.

2 BASES DO ESTUDO

O autismo infantil

A palavra autismo, formada pela junção de *auto* (do gr. - referente a si mesmo) + *ismo* (sufixo que indica ação ou estado), reforça o estado introspectivo do portador desse transtorno e sua escassa interação com seus semelhantes. A criança com autismo tem um distúrbio mental que a faz pensar diferente.

Em sua maioria, os casos de autismo possuem origem genética, no entanto, influências ambientais e comportamentais também contribuem para o início de seu desenvolvimento. Um diagnóstico eficaz, feito nos primeiros anos de vida, pode garantir bons resultados, se acompanhado de intensos tratamentos feitos na primeira infância. Por essa razão, o presente artigo tem como público alvo as crianças com autismo.

Levando em conta que conhecer o ponto de vista dos próprios portadores de TEA é um fator essencial, foram analisados autores com esse diagnóstico, como a australiana Donna Williams autora do livro *Meu Mundo Misterioso* (1992), em que narra, com propriedade e lucidez, como encontrou uma saída para o mundo externo que sempre a atraiu, apesar de todos os perigos. “*O mundo exterior não era para mim senão um campo de batalha ou um palco onde eu tinha constrangimento de representar o papel. Seria apenas para sobreviver. Eu me sentiria bem contente de deixar as coisas acontecer, retirando-me ao meu universo interior...*” (WILLIAMS, 2012, p 103).

Embora não exista cura para o transtorno do espectro autista, terapias comportamentais com equipes interdisciplinares podem auxiliá-la em suas dificuldades de relacionamentos sociais. Os portadores de TEA possuem dificuldade de decifrar gestos sociais aparentemente simples, como um sorriso ou uma piscada de quem se aproxima, preferindo esquivar o olhar.

Eu temia toda a aproximação pessoal e sempre tive medo de ser invadida pelos outros, mas todas essas sensações e essas fobias não me davam, entretanto, uma visão distorcida e paranoica do mundo. Os objetos me pareciam sempre reduzidos às suas mais simples características, suas cores e sons, suas texturas, mas nunca me senti ameaçada por eles [...] Eu vivia mais nos meus objetos do que no meu corpo (WILLIAMS, 2012, p. 231 e 268).

Considerando os sentimentos das pessoas muito inconstantes, eles preferem se apegar a objetos mais estáveis e concretos. *“Em meus estados hipnóticos, eu tinha a sensação de estar presa na quintessência das coisas mais simples: as cores, os ritmos, as sensações mais elementares. Este estado mental me proporcionava um bem-estar que eu jamais encontrara em lugar algum.”* (WILLIAMS 2012, p. 128).

De modo geral, para um autista o fato de ser tocado significa que outra pessoa está exercendo controle sobre um corpo que nem mesmo seu dono é capaz de controlar direito. É como se perdêssemos o que somos [...] e existe sempre o pânico de que, ao sermos tocados, nossos pensamentos possam se tornar visíveis. Se isso acontece, a pessoa iria se preocupar muito conosco. Dá para perceber? Levantamos uma barreira ao nosso redor para manter os outros do lado de fora (HIGASHIDA, 2014, p. 32).

Na busca pelo equilíbrio, muitas pessoas com TEA repetem certos movimentos corporais como forma de compensar suas disfunções mentais que alteram a percepção dos sentidos. *“Comportamentos estereotipados dão uma sensação de continuidade. Os rituais, ou gestos estereotipados dão certeza de que as coisas podem permanecer as mesmas, para ter seu lugar incontestado numa situação complexa e mutante em volta de si”* (ORRÚ, 2016, p. 135).

O contato do ser humano com seu entorno ocorre através dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Mas o que acontece quando estas percepções não funcionam normalmente? Sobre essa questão, outra famosa autora com autismo de alta funcionalidade, a americana Temple Grandin, relata que nove entre dez pessoas incluídas no espectro apresentam um ou mais transtornos sensoriais, dificultando sentir prazer em um mundo difícil de ser codificado.

Suspeito que os pesquisadores simplesmente não entendem a urgência do problema. Eles não conseguem imaginar um mundo onde roupas que pinicam o fazem sentir-se pegando fogo, ou onde uma sirene soa como se alguém estivesse perfurando meu crânio com uma furadeira... Como socializar pessoas que não toleram o ambiente onde devem se mostrar sociáveis? (GRANDIN, 2016, p. 80).

Enquanto as crianças neurotípicas compreendem facilmente o todo, as que possuem autismo costumam estar mais focadas nas partes e nos detalhes. Esta visão fracionada do mundo gera medo e ansiedade. Por isso, as crianças com TEA precisam de refúgios para recuperar a energia dispensada na luta pela compreensão de tantos estímulos.

O pânico me invadiu. Meu corpo começou a funcionar automaticamente enquanto eu perdia a consciência... as ruas me apareceram como num pesadelo, com o muro movediço da multidão, meus pés cercados de inúmeros outros pés. Corri abrindo caminho através do burburinho da multidão. Os ruídos da cidade se tornaram insuportáveis. Rápido, um refúgio, um lugar familiar! (WILLIAMS, 2012, p. 190).

Se caminhar pela cidade não é uma tarefa tão agradável para a maioria dos indivíduos, certamente este contato se torna mais complicado aos cidadãos com TEA. Carros barulhentos, poluição visual de placas e calçadas quebradas com escassas sombras, constituem fatores de constante ameaça para pessoas com sensibilidade à flor da pele.

A arquitetura como objeto mediador

A relação entre o espaço arquitetônico e o usuário possui um forte componente psicológico além da evidente correspondência física. Algumas pessoas se sentem melhor em espaços peculiares que se distinguem dentro do Espaço maior onde se situam, percebidos de maneira diferente. Certos espaços construídos podem gerar sérios incômodos perceptivos, principalmente aos autistas, no entanto outros parecem ser detentores de qualidades sensitivas.

Diz-se, então, que esses são percebidos como lugares por seus usuários. Suas qualificações habilitam-nos a serem percebidos como um lugar, delimitado dentro do espaço maior que constitui o todo da cidade. Isto é: permitem distinguir um lugar de um espaço (CASTELLO, 2007, p. 12).

Dependendo da escala, além de oferecer beleza visual, a arquitetura pode criar espaços de transição sensíveis e acessíveis, de acordo com a percepção e a medida do corpo humano, oferecendo ambientes

com limites visuais agradáveis entre a intimidade da escala infantil e sua exposição na ampla paisagem natural.

Seriam, portanto, os ambientes construídos uma espécie de intersecção entre o homem e a natureza? Além de resolverem os problemas funcionais das cidades, os arquitetos e urbanistas deveriam se preocupar com a qualidade espacial da cidade, projetando ambientes urbanos com escalas mais amigáveis e inclusivas, propícias para registrar experiências lúdicas agradáveis nas mentes de pequenos cidadãos com TEA.

Em experiências memoráveis de arquitetura, espaço, matéria e tempo se fundem em uma dimensão única, na substância básica da vida, que penetra em nossas consciências. Identificamo-nos com esse espaço, esse lugar, esse momento, e essas dimensões se tornam ingredientes de nossa própria existência. A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação se dá por meio dos sentidos (PALLASMAA, 2011, p. 68).

Certamente um planejamento urbano preocupado em respeitar os sentidos humanos teria maior potencial para prover espaços de intersecção aos autistas onde a arquitetura funcionaria como uma capa protetora, ajudando-os a superar o medo à imensidão do mundo. Segundo Oscar Niemeyer a arquitetura tem como meta a busca pela permanência, sendo isto algo extremamente necessário ao ser humano.

O mesmo conceito se estenderia perfeitamente aos autistas, já que belos espaços construídos poderiam ajudá-los no sentimento de pertencer a algo em um universo em constante transformação e até mesmo hostil. Sendo a arquitetura uma tentativa de encontrar harmonia num ambiente muitas vezes caóticos, uma experiência que se dá por diversos meios e que agrega os sentidos e o espírito humanos em uma celebração de livre imaginação e fantasia. (UNDERWOOD, 2003)

O urbanismo lúdico

Existe uma lacuna em estudos sobre a inclusão de autistas em espaços públicos e apenas poucos projetos, para clínicas ou escolas consideram as crianças com TEA. Em um artigo intitulado “*An Architecture For Autism: Concepts Of Design Intervention For The Autistic User*”, a arquiteta egípcia Magda Mostafa formulou diretrizes para melhorar o desempenho de ambientes internos em projetos adequados às pessoas com autismo. Para isso enumerou sete importantes requisitos: acústicos, sequenciamento espacial, espaço de fuga, compartimentalização, transições, zoneamento sensorial e segurança (MOSTAFA, 2008). Soluções semelhantes também foram indicadas pelos entrevistados nos resultados deste trabalho, que indicam que a arquitetura pode servir como um filtro para o excesso de estímulos provenientes dos espaços urbanos.

Parece evidente a necessidade de se criar recantos e espaços de escape para crianças com autismo em escolas, parques e em outros espaços ao ar livre. *Playgrounds* poderiam ser ótimos locais para se projetar ambientes de fuga, sendo perfeitos espaços lúdicos de intersecção entre áreas internas e externas. O conceito da cidade vista como um grande *playground*, evidenciado no período entre guerras, pelo arquiteto holandês Aldo Van Eyck, afirmava que “*a arquitetura tem que facilitar a atividade humana e promover a interação social*” (apud OUDENAMPSEN, 2011, p. 53). Van Eyck pensava na cidade ideal como um labirinto de pequenos territórios íntimos ou, mais poeticamente, como uma constelação casual de estrelas. Um *playground* em cada esquina era apenas um primeiro passo para a “cidade lúdica”: a cidade da brincadeira.

Por mais que espaço e tempo sejam importantes, lugar e ocasião importam mais. Pois na mente do homem, o espaço é o lugar e o tempo é a ocasião. Como as pessoas podem fazer do espaço algo próprio e criar um “sentido de lugar” subjetivo? O *playground*, espaço intermediário entre o público e o privado, é “lugar” e “ocasião” combinados (ROSA, abr. 2013, s.n.).

Playgrounds também podem servir como ambientes atraentes às crianças com autismo, remetendo à imagem confortável de quartos infantis cheios de brinquedos, ao mesmo tempo que promovem maior liberdade de movimento às brincadeiras ao ar livre. O caráter brincalhão e experimental dos movimentos infantis, enfatiza o jogo dos opostos, claramente identificado pelas crianças. Movimentando o corpo, a criança absorve a noção de cima/baixo, claro/escuro e interior/exterior. Brincando a criança aprende, o que evidencia que a habilidade espacial do corpo precede o conhecimento mental do espaço (TUAN, 1983).

3 MÉTODO

Questões sobre movimentos corporais de crianças com autismo, o diálogo destes com o meio ambiente e as respostas de como os espaços urbanos poderiam se tornar mais inclusivos, foram organizadas sob o método de análise de conteúdo, que aparece como um conjunto de técnicas de análise de entrevistas, com a utilização de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN,

1977). A escolha deste método auxiliou os passos desta pesquisa, tais como: a necessidade de se compreender bem o problema, o estabelecimento de objetivos, a elaboração clara das questões para guiar as respostas das entrevistas analisadas, destacando-se posteriormente as inferências mais pertinentes no final deste artigo.

A opção por entrevistas, no lugar de questionários, permitiu que os colaboradores tivessem mais tempo para se aprofundar em seus relatos. Para dar voz às crianças portadoras de TEA, foram selecionados quinze profissionais de saúde, com experiência mínima de um ano no trato com esse tipo de pacientes, garantindo-se assim maior precisão científica nas respostas. No universo da pesquisa, havia grande presença de mulheres com média de oito anos de experiência. Na amostra pesquisada, apenas 13% eram do sexo masculino, formados a pouco mais de um ano, o que reforça a preferência por mulheres para o contato direto com crianças, insinuando que o instinto materno seja provedor de certo talento. No entanto, a imagem masculina também se faz necessária a qualquer criança, por isso, percebe-se um movimento por mais contratações de homens nas clínicas terapêuticas.

Como o tratamento ao autismo possui caráter interdisciplinar, foi importante conhecer diferentes pontos de vista. Na referida amostra, 60% eram terapeutas ocupacionais, alta porcentagem justificada por serem os profissionais mais requisitados nos tratamentos que ajudam na integração de inúmeros estímulos, percebidos de forma desordenada pelos pacientes. Outros 20% dos entrevistados eram fisioterapeutas, especialistas na reconstituição da coordenação motora de pacientes graves. A parcela restante estava dividida entre representantes da área de fonoaudiologia, psicologia e psiquiatria.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, via Plataforma Brasil - registro CAAE 96682418.3.0000.0121. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelos colaboradores, anteriormente contatados para agendar entrevistas nos intervalos dos atendimentos das clínicas, minimizando possíveis transtornos de deslocamento. Os relatos duraram entre 7 a 17 minutos de gravação, sendo que algumas respostas transcritas chegaram a preencher uma folha por questão, o que reforça a ideia da entrevista ser um instrumento estratégico para o aprofundamento do assunto em tela. A sequência do roteiro de perguntas baseou-se na ordem dos três objetivos específicos. No entanto, para garantir o reforço às respostas, a cada tópico foram feitas duas perguntas, alcançando o total de seis questões, comentadas a seguir.

Tema: Autismo. A estereotipia, vista pelos profissionais de saúde como uma comunicação gestual, tenta substituir a linguagem oral tardiamente desenvolvida na maioria das crianças com TEA. As duas primeiras questões buscaram compreender as relações entre os movimentos repetitivos da criança com autismo e o meio ambiente.

QUESTÃO 1: Poderia descrever algumas situações em que as crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tenham realizado movimentos repetitivos (estereotípias) durante o horário de sua atividade terapêutica?

QUESTÃO 2: Percebeu alguma relação destas estereotípias em resposta a algum *layout* específico do ambiente? Se sim, de que forma estas crianças com TEA reagiram?

Tema: Arquitetura. Em um processo gradual de reflexão, que inicia com a observação do corpo, os colaboradores passaram pelo conceito da arquitetura como mediadora, finalizando com pensamentos sobre ambientes de transição ao espaço aberto. As questões 3 e 4 destacam diferenças entre os locais internos e externos, perguntando se existe preferência para a realização de terapias em algum destes espaços.

QUESTÃO 3: A maioria das crianças com TEA tem alterações em seus 5 sentidos, prejudicando a percepção destas com mundo a sua volta, em sua opinião, o espaço arquitetônico poderia servir como uma casca protetora? Você poderia imaginar ou descrever um ambiente, que funcionaria como uma espécie de transição entre o mundo interno do autista e o mundo externo à sua volta?

QUESTÃO 4: Em sua jornada de trabalho com crianças dentro do espectro autista, você prefere trabalhar em ambientes internos ou externos? Por quê?

Tema: Urbanismo. As últimas questões instigam o entrevistado a pensar no espaço externo, verificando primeiramente suas desvantagens, para depois finalizar com relatos mais positivos, indicando soluções lúdicas que motivassem os pacientes a experimentarem maior empatia em momentos de lazer ao ar livre.

QUESTÃO 5: Quais os motivos mais relevantes que podem impedir a realização de uma atividade terapêutica com uma criança com TEA ao ar livre? Poderia listar outros fatores que prejudicam o contato destas crianças com os ambientes urbanos, deixando os espaços externos menos convidativos?

QUESTÃO 6: Espaços externos mais lúdicos poderiam gerar maior empatia às crianças com TEA? Em algum momento você propôs alguma atividade ao ar livre em *playgrounds*, parques ou praças da cidade? Se sim, como avalia sua experiência?

4 RESULTADOS

Trechos de relatos dos entrevistados (representados como: Entrevistado1, Entrevistado2... Entrevistado15) foram comparados com a revisão bibliográfica. “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conteúdos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p 38). Os dados coletados geraram nuvens de palavras, gráficos e quadros comparativos. Estes indicadores foram organizados dentro das mesmas três classificações que guiaram os objetivos e a ordem das questões entrevistadas.

4.1 Autismo

Os resultados das primeiras questões ajudaram a catalogar **quais** estereotípias estão mais presentes na comunicação corporal da criança com autismo em resposta a seu meio ambiente circundante.

As estereotípias, ou movimentos repetitivos, acontecem por uma necessidade da informação sensorial. Às vezes a criança procura muito e não consegue elaborar uma função adequada de como usar a mão nos brinquedos e em atividades, então ela entra numa habituação e na movimentação estereotipada. Eu entendo como fosse uma fuga, ou uma necessidade de mais informação sensorial... que eu entendo sensorial tanto o tato, como a necessidade de movimento (Entrevistado 11).

Nos resultados apontados no quadro abaixo (figura 1), a estereotípia mais utilizada é o **flap de mãos** (quando abana, girando o pulso), seguido da ação de **girar** no próprio eixo do corpo, ou em volta de algum objeto circular. Ou seja, a imagem mental do círculo é realmente a que predomina.

Balançar as mãos na frente do rosto permite que a luz entre em nossos olhos de forma agradável, filtrada. Quando fazemos isso, a iluminação se torna suave e gentil, como a do luar. Já a **luz direta**, “sem filtro”, meio que “**alfineta**” a **vista dos autistas** com suas linhas diretas e afiadas, pois vemos a luz de forma mais concreta. Isso chega a ser doloroso para nossos olhos (HIGASHIDA, 2014, p. 59).

Para Grandin, o autista tem dificuldade de compreender o contexto de uma situação, pois seu cérebro não decifra bem as sensações fragmentadas percebidas por um corpo desconectado de comandos mentais aparentemente básicos. Essa ideia é reforçada por Tito Rajarshi Mukhopadhyay, autor do livro *How Can I Talk if My Lips Don't Move? Inside My Autistic Mind*, ao citar que possui dois EUs, um atuante e outro pensante. “No livro, ele descreve o seu eu atuante como um estranho cheio de energia. Ele se via como peças, como uma mão ou uma perna e disse que gira em círculos para poder juntar as partes num todo” (GRANDIN 2016, p. 87). O movimento circular também é relatado pelos autores com autismo acima citados.

Figura 1: Indicação de **qual** estereotípia é a mais presente, quando aparece e porquê.

ESTEREOTÍPIAS DE AUTISTAS		
QUAL?	QUANDO?	POR QUE?
FLAP MÃOS	EUFÓRICA	ORGANIZAR
GIRAR	EMOCIONADA	ACALMAR
BALANÇAR	ANSIOSA	EXPLORAR
PULAR	DESORGANIZADA	INTEGRAR informações
CAMINHAR	CONTRARIADA	EXPRESSAR
	ANGUSTIADA	COMUNICAR

Fonte: Autoras

As entrevistas confirmam que as estereotípias aparecem com mais frequência quando as crianças com TEA estão eufóricas, comunicando felicidade, ou quando são contrariadas expressando ansiedade e angústia.

Geralmente os movimentos de estereotípias, a criança faz pra compensar uma situação em que ela esteja nervosa ou com muita energia. Eles são feitos pra **acalmar**, entendeu? Quando uma criança está desorganizada, sensorialmente falando, ela apresenta estas

estereotipias o tempo todo! Pode ser: rodar em torno do próprio eixo, pode ser uma criança que faz assim com as mãos (flap), pode ser uma criança que corre em **círculos** (Entrevistado 8).

Compreender o porquê da aparição repetitiva de determinado comportamento, pode ajudar na busca da relação de um padrão corporal com o meio ambiente.

Eu procurava simplesmente um mundo de coerência bem provido de referências fixas. A mudança constante que era preciso enfrentar por toda parte nunca me dava tempo de me preparar. É por isso que eu encontrava tanto prazer em fazer e refazer as coisas (WILLIAMS, 2012, p. 90).

Segundo Williams esta repetição é uma tentativa de organizar inúmeras informações de um mundo caótico. Por isso, o portador de TEA precisa ver e rever as coisas de forma cíclica, literalmente girando seu corpo. Ao assimilar as novidades de vários ângulos, explora com seu corpo o meio ambiente circundante, tentando integrar partes aparentemente desconectadas.

Quanto maior o espaço, maior são os movimentos, mais amplos! Então vem o movimento de rodar, ou pular, buscando explorar bem aquele espaço, para se organizar e se ambientar. E aí aos poucos tende em ir diminuindo e explorar de uma maneira mais funcional. Mas tem esse momento inicial de experimentação. Quando a sala é menor tende a ser estereotipias mais específicas, mais manuais principalmente, ou somente de tronco (Entrevistado 10).

Percebe-se que algumas crianças com autismo são sensíveis às mudanças no *layout*, alterando a amplitude de seus movimentos exploratórios de acordo com a escala do local, ou mudando o humor pela simples exposição de luz ou ruído. Sob essa ótica, o terapeuta participante comenta que “[...] *percebe que resposta ele está dando. Essa resposta ele dá com o corpo! Alguns entram na estereotipia, outros vão começar uma resposta um pouco mais agressiva, começa a perder a paciência, ficando irritado por conta do ambiente!*” (Entrevistado 15).

Meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo. Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, o próprio local de referência, memória, imaginação e integração. É evidente que uma arquitetura que intensifique a vida deva provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir nossa imagem de indivíduos com nossa experiência de mundo. A tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e **integrar**. A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça nossa sensação de realidade e identidade (PALLASMAA, 2011, p. 11).

Espaços arquitetônicos limitam a assustadora amplitude do mundo, ajudando a criança com TEA a se localizar, compreendendo ambientes menores, mais adequados e proporcionais a sua escala infantil. Assim, esta criança pode se sentir abraçada pelo espaço, o que a ajudaria a se integrar paulatinamente em locais semiabertos, identificando com calma os limites do seu corpo como parte integrante de um todo maior.

4.2 Arquitetura

Os espaços internos de clínicas garantem segurança e conforto a seus pacientes, filtrando o excesso de informações vindos de fora.

Em ambientes internos a gente consegue graduar a quantidade de estímulos que chega nesta criança. E no externo são diversos estímulos ao mesmo tempo, de todos os níveis, aí foge um pouquinho do nosso controle”. O excesso de luz, o barulho da rua, ou mesmo a temperatura alta do dia, podem ser facilmente regulados dentro dos projetos arquitetônicos. Portanto, na visão dos profissionais de saúde, a arquitetura “pode servir sim de capa protetora. Principalmente se é um ambiente conhecido por ela... Ela se fecha no conforto desse ambiente seguro (Entrevistado 1).

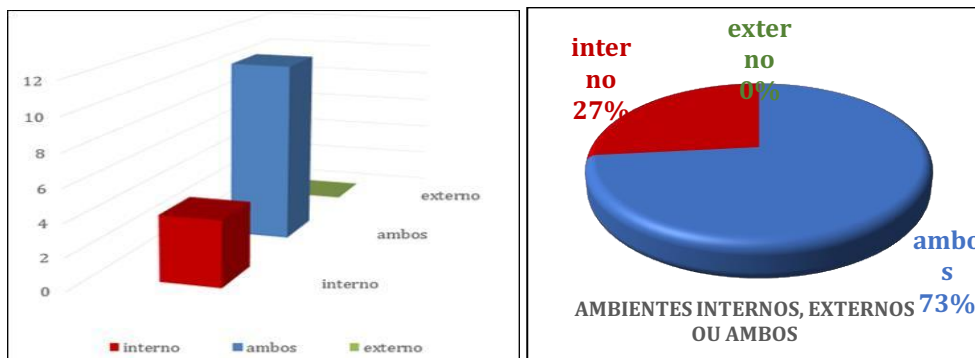
Mesmo cientes do maior conforto e segurança em ambientes internos, 73% dos entrevistados sabem da importância de propiciar a seus pacientes, experiências graduais, entre espaços internos e externos. “E aí vem a importância da gente, começar a fazer a transição, que pode começar com uma coisa simples, às vezes uma janela. Ir adaptando, né? Hoje você leva ela um pouco mais pra fora de casa, outro dia um pouco mais, até se inserir no ambiente que ela vive” (Entrevistado 1).

De acordo com os gráficos da figura 02, 27 % dos profissionais têm receio de trabalhar em espaços externos, optando por sessões de terapia apenas na segurança do espaço interno. Todos sabem dos problemas causados pelo excesso de estímulos no espaço externo, entretanto, mesmo com desvantagens, a criança com TEA não pode ser privada desta experiência de vida. “O ambiente externo traz a riqueza do

dia a dia! Então você tem que estar preparado para situações inusitadas, o que também é muito enriquecedor” (Entrevistado 1).

Pais e cuidadores precisam colocar as crianças no mundo, porque elas não vão se interessar por coisas com as quais não tem contato. Seus pais os deixaram cair numa rotina que nunca varia e não traz experiências novas. Até os autistas com problemas graves precisam ver o mundo, serve estar perto de casa. Não em casa, mas perto de casa. É essencial que a criança saia de casa (GRANDIN, 2016, p 194).

Figura 2: Gráficos sobre preferência de terapias em ambientes internos, externos ou ambos.



Fonte: Autoras

As respostas das questões 3 e 4 apontaram vantagens e desvantagens das terapias realizadas em ambientes internos ou externos, evidenciando possíveis complementações entre características opostas. O quadro da figura 3 segue uma ordem decrescente, destacando as palavras mais comentadas no início da lista.

A complementação das diferentes vivências em espaços internos e externos é sempre bem-vinda. Por isso muitos terapeutas optam por processos de intervenções graduais, com início em ambientes fechados, sigilosos e seguros, buscando atenção e confiança de seus pacientes. Para posteriormente sair à exposição de ambientes externos, ricos em diversidade que propiciam novas experiências sociais, necessárias para a vida em comunidade. *“A criança se organiza e foca mais, nos espaços que ela tem mais costume: que é dentro de casa e tudo. Quando ela começar a ir para a escola, vai precisar lidar com esses outros espaços, aí eu acho interessante trabalhar fora!”*

Através da observação, do ouvir e experienciar os outros, juntamos informações sobre as pessoas e a sociedade em torno de nós... **Experienciar** a vida na cidade é também um entretenimento estimulante e divertido. As cenas mudam a cada minuto. Há muito a se ver: comportamentos, rostos, cores e sentimentos. Essas experiências estão relacionadas a um dos mais importantes temas da vida humana: as pessoas (GEHL, 2015, p. 23).

Figura 3: Características opostas e complementares entre ambientes internos e externos.

AMBIENTE INTERNO	AMBIENTE EXTERNO
FILTRA ESTÍMULOS SENSORIAIS	MUITOS ESTÍMULOS AO MESMO TEMPO
CONTROLE	DESCONTROLE
ORGANIZAÇÃO	DESORGANIZAÇÃO
CONFORTO	DESCONFORTO
LIMITAÇÕES	VARIEDADE
ATENÇÃO FOCADA	ATENÇÃO DIVIDIDA
PADRÃO RITUAL	NOVAS EXPERIÊNCIAS
UNIFORMIDADE	DIVERSIDADE
ISOLAMENTO	SOCIALIZAÇÃO
PRIVACIDADE	INVASÃO ESPAÇO PESSOAL
SIGILO	EXPOSIÇÃO
MENOR	MAIOR
FECHADO	ABERTO
SILÊNCIO	BARULHO
SEGURANÇA	MEDO
AMBIENTE ARTIFICIAL	MUNDO REAL

Fonte: Autoras

Mas experienciar o outro e a cidade não é uma tarefa fácil para todos. Em relação à dificuldade de se socializar com as pessoas, alguns relatos explicam o porquê das crianças com TEA preferirem apegar-se a objetos concretos, brinquedos preferidos ou espaços familiares:

Ele consegue se relacionar com o objeto e não consegue relacionar com as pessoas. Então procura-se fazer com que ele se identifique dentro de um espaço, considerando tanto as paredes, como os elementos que tem dentro da sala. Esse elemento que tem dentro da sala é um mediador da relação com o outro. É por meio do objeto que esse indivíduo vai conseguir iniciar uma interação com o outro. Principalmente no início de um processo terapêutico, usa-se muito o espaço arquitetônico para isso, para que o outro possa se aproximar devagarzinho. A arquitetura pode ser sim um facilitador, e aqui a gente usa muito isso (Entrevistado 11).

Esse sensível relato, evidencia o papel do espaço arquitetônico como mediador. Por possuir uma linguagem universal, com formas geométricas, abstratas e silenciosas, a arquitetura pode estabelecer um diálogo eficiente com estas crianças sensíveis. Ambientes falam e transmitem sensações, evocam lembranças, passam segurança ou inquietação, podendo ser estimulante ou limitador para o conhecimento (REDIN; MULLER; REDIN, 2007).

A arquitetura oferece as sensações táteis da textura da pedra e dos bancos de madeira polida, a experiência da mudança de luz com o movimento, o cheiro e os sons que ressoam no espaço e nas relações corporais de escala e proporção. Todas essas sensações se combinam em uma experiência complexa que acontece de ser articulada e específica, embora sem palavras. O edifício fala de fenômenos perceptivos através do silêncio (HOLL, 2011, p.10).

Equipes de arquitetos juntamente com profissionais de saúde devem se conscientizar sobre a força expressiva dos espaços arquitetônicos enquanto meio de comunicação. Ao projetarem espaços mais adequados a todos poderiam utilizar o potencial da linguagem lúdica para transmitir silenciosamente maior conforto e empatia espacial a esses usuários tão sensíveis.

4.3 Urbanismo

As entrevistas evidenciaram a importância da linguagem espacial lúdica ao propiciar brincadeiras e movimentos corporais exploratórios dos autistas. Aprender brincando também foi a maneira que Donna Williams descobriu o mundo durante sua infância:

Eu provia assim minha própria educação. Vagava muitas vezes pelos arredores da escola. Cada escapadela me arrastava a outra aventura... subia as escadas das torres, brincava no elevador... brincava nas paradas de bonde... Aprendi uma porção de coisas desta maneira (WILLIAMS, 2012, p. 227).

Para os terapeutas, a arquitetura tem um papel lúdico estruturador muito poderoso. *“Um espaço que tenha uma maneira mais estruturada, organizada, que seja lúdico, vai interferir na maneira como a criança está se relacionando com aquele espaço, se organizando ou não, e interferindo também na relação dele com quem está ali próximo”* (Entrevistado 10).

A última questão sobre soluções positivas para espaços urbanos gerou uma nuvem de palavras (figura 4) com os conceitos mais citados em letras maiores. Nos eixos verticais, foram reforçadas as emoções promovidas pelo contato de crianças com TEA em ambientes sociais e nos horizontais foram destacadas soluções espaciais práticas e funcionais.

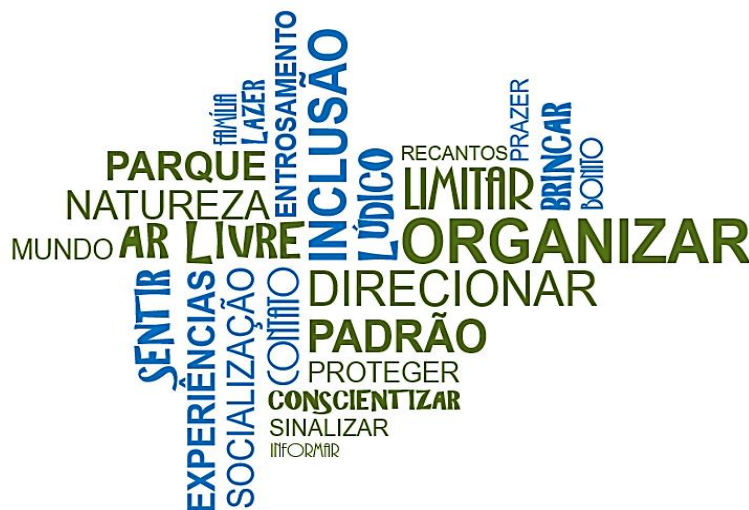
A expressão vertical mais destacada foi **inclusão**. Infelizmente vários terapeutas disseram *“que a cidade não está tão preparada, não tem esta estrutura, nem para autista, nem para outros deficientes. Inclusive a mente das pessoas não está aberta para este tipo de coisa”* (Entrevistado 6).

Falta conhecimento da sociedade! O autismo é muito pouco falado. E tudo que não é conhecido, é temido, né? Então o autista, ele não tem nada físico, mostrando que tem necessidades. Toda criança tem sua peculiaridade, o autismo não é diferente! A sociedade não está preparada pra isso, a sociedade ainda tem medo. Isso não é algo bom! Eu acho que conhecimento é algo que está faltando na sociedade em geral e isso inclui o ambiente externo, onde se lida com pessoas que você não conhece. Outra coisa, eu acho que a cidade é mal planejada para isso, né? Ruas, calçadas, tudo! É muito difícil isso (Entrevistado 12).

Por isso, evidenciar a existência de portadores de TEA com sinalização, com mais placas preferenciais em locais públicos e em filas de espera seria importante. *“Agora tivemos um ganho, né? O autismo também é considerado prioridade! Então agora está tendo **plaquinhas** em metrô, em bancos, que estão ajudando um*

pouco mais isso” (Entrevistado 12). Outras soluções apontadas buscam promover o entrosamento em espaços de lazer com “[...] brinquedos que tivessem um cuidado com os estímulos que são oferecidos. Que proporcionassem a integração das crianças ditas típicas e as com TEA, sabe? Não separar! Que fosse algo universal que conseguisse integrar todo mundo. Acho que falta isso” (Entrevistado13).

Figura 4: Nuvem de palavras positivas e soluções para inclusão autista na cidade.



Fonte: Autoras

Portanto, arquitetos e urbanistas contribuiriam com a inclusão se acreditassem que “[...] é possível projetar cidades mais habitáveis, como espaços e tempos para encontros e intercâmbios, com equipamentos e infraestruturas culturais, **lúdicas** e formadoras que contribuam para a melhoria da qualidade social da vida das pessoas” (REDIN; MÜLLER; REDIN, 2007, p. 31). Além disso, todas as famílias têm o direito de passear e se divertir com seus filhos em suas cidades.

A experiência do passeio fez com que mais crianças quisessem ir, ficassem curiosas com o contato com o mundo externo. Com certeza é muito importante, porque às vezes ele não tem aquela experiência de vivenciar. E, para ele experimentar, a gente tem que possibilitar isso, uma coisa que às vezes os pais não deixam, por medo... E aí nos passeios que fizemos, nós levamos os pais juntos. E eles puderam ter essa experimentação junto com a família, e foi maravilhoso! (Entrevistado15).

Voltando à nuvem de palavras (figura 4), o termo **organizar** reforçou a importância dos limites que direcionam e sinalizam diferentes funções, mesmo em parques abertos. “É um espaço aberto, porém ele é menor, eu estou aqui e não preciso estar de mãos dadas com a criança, mas eu tenho a visão dela mais distante no ambiente. É um ambiente ao céu aberto, porém ele tem espaços menores. Isso foi bom!” (Entrevistado 15). As crianças com TEA precisam experimentar, brincar, guardar momentos agradáveis em suas memórias. “No fim ela quis ir, porque foi muito divertido! Lá tem uma parte aberta, que intercala, tem toda uma coisa cercada ali em volta, então essa coisa meio termo, eu acho que é interessante!” (Entrevistado 15).

O zoneamento em ambientes com sequenciamento espacial claro e função apropriada foi evidenciado por entrevistados ao surgirem ideias para espaços abertos em contato com a natureza. “Então, se tem esse espaço limitado por alguma coisa, a gente talvez nem precise usar a cor, mas delimitar a função de cada coisa! Isso eu acho legal! Uma forma que você possa guiar a experimentação do espaço” (Entrevistado 11). Cada ambiente deve possuir uma função clara com apropriada qualidade sensorial “[...] a place for everything and everything in its place” (MOSTAFA, 2008, p. 204).

Trabalhei dez anos, numa atividade que a gente explorava muito o espaço ao ar livre, num Instituto Saúde Mental, que é uma granja. Lá nós tínhamos espaços para caminhada, nós tínhamos o espaço onde era a água, porque o autista gosta muito de água, então tinha a piscina, mas tinha também riachos, que eles exploravam. Tinha o espaço de andar, que era com asfalto, tinha o meio fio que era o delimitador, e até andava encima. Tinha o espaço com pedrinhas, onde se construía alguma coisa, tinha o espaço dos parques onde eles exploravam, experimentavam as plantas, percebiam o cheiro (Entrevistado 11).

Portanto, um espaço para cada coisa e cada coisa no seu devido espaço, também parece ser uma boa ideia para organizar ambientes inclusivos e interativos à céu aberto. Essas e outras sugestões foram organizadas em um gráfico conclusivo (figura 5), que reuniu características comuns entre as três esferas investigadas: **Autismo**, **Arquitetura** e **Urbanismo**.

Figura 5: Conceitos de interseção entre as áreas analisadas: autismo, arquitetura e urbanismo.



Fonte: Autoras

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cidades amigas e inclusivas deveriam oferecer mais ambientes lúdicos no espaço urbano. “Nossas **crianças** não precisam de praças e de escolas só para elas; elas precisam da cidade que lhes garanta espaços e tempos carregados de dignidade, respeito, ternura e **aconchego**” (REDIN; MÜLLER; REDIN, 2007, p. 7). Espaços acolhedores para brincar também seriam boas soluções para as crianças com autismo, que tentam interagir com o mundo em seus movimentos singulares.

Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva (PALLASMAA, 2011, p. 38).

Desde sua origem os projetos poderiam pensar na adequação dos espaços às crianças com TEA, utilizando formas lúdicas para torná-los mais amigáveis e empáticos a todos, por isso a palavra ADEQUAR comparece como um dos conceitos na interseção central dos círculos representativos dos três universos pesquisados: Autismo, Arquitetura e Urbanismo (figura 5). Abrigos que proporcionam descanso à superestimulação encontrada em ambientes de vivência, chamados por Mostafa como espaços de fuga, poderiam ser adequadamente projetados ao lado de *playgrounds* ou outros ambientes de lazer ao ar livre, distribuídos nos bairros das cidades.

Ambiente muito amplo, que tem várias coisas acontecendo ali, é mais fácil de desorganização do que um ambiente acolhedor, um ambiente mais neutro. Vamos imaginar um parquinho, que tenha ali várias informações, se a criança se desorganizar, poderia ter um lugar que ela pudesse se organizar. Não sei, um túnel, alguma coisa dentro do ambiente pra que ela se organizasse, posteriormente, depois de se organizar poderia voltar ao ambiente. Não seria uma coisa impossível, né? A criança, ela fica bem mais orientada em ambientes escuros e menores, uma questão mais acolhedora, mais lúdica seria muito apropriada! (Entrevistado 7).

De acordo com o entrevistado acima brinquedos com escalas apropriadas, como pequenos túneis ou recantos curvos, funcionariam muito bem, quase como conchas de proteção para estes seres tão delicados. Portanto, objetos arquitetônicos lúdicos, com formatos circulares, poderiam ser utilizados na construção de pequenos ambientes, mais aconchegantes, enfatizando o potencial da arquitetura em mediar o mundo interno do autista com o mundo externo da cidade.

As conchas em espiral não existem somente pela beleza, há outra coisa. Deves compreender que existem vários peixes que têm o focinho tão comprido que comeriam a

maioria dos peixinhos se a casa deles fosse reta; mas, quando são assaltados à porta por seus inimigos, ao fugirem para dentro tiram-se em **círculos**, seguem o trajeto da linha espiral e o fazem de tal modo que seus inimigos não lhes podem fazer mal (BACHELARD, 2000, p. 138).

Mediar a interação de pacientes com TEA que têm receios em relação ao meio ambiente é um papel importante para arquitetos e, por isso, os terapeutas sentem a necessidade da ajuda desses profissionais em suas equipes. A confirmação do objetivo geral do artigo ficou claramente evidenciada no relato seguinte:

Proporcionar para ele um ambiente mais adequado, isso é muito bom! Como terapeuta, tenho a noção do que seria mais adequado, mas eu não sei causar essa mudança no ambiente. E aí, um exemplo muito interessante aqui no trabalho, a gente conseguiu uma parceria com um professor de arquitetura. Então a gente está mudando a textura da parede, algumas coisas que eu falei: olha, pra mim, o ideal era isso e isso. Com sua *expertise* como arquiteto, junto com os alunos, foi trazendo soluções que eu: Uau! Isso é possível de fazer?! Então assim, todo esse olhar do arquiteto, somado com o pessoal que trabalha na área da saúde, é muito rico! (Entrevistado 15).

Os resultados coletados durante entrevistas dirigidas aos profissionais colaboradores, indicam que o tratamento do autismo é sim um relevante tema de saúde coletiva. Muitos dos terapeutas entrevistados incentivam arquitetos e urbanistas a se unirem a eles, para juntos promoverem a inclusão social com a construção de ambientes urbanos mais instigantes e empáticos à criança com TEA. O maior número de espaços de lazer ao ar livre aumentaria o interesse deste pequeno cidadão em sair de casa e a consequente elevação no número de vivências externas ampliaria a consciência do seu Eu em contato com a cidade.

O meio ambiente construído como linguagem tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes... A forma construída tem o poder de aumentar a consciência do sentido de interior e exterior, intimidade e exposição, vida privada e espaço público (TUAN, 1983, p. 119).

Esse pensamento de Tuan embasa a consideração final deste artigo sobre o potencial de uma arquitetura lúdica, adequada aos cinco sentidos do cidadão com TEA, contribuir para a construção de uma delicada intersecção entre o mundo interno do autismo com o mundo externo à sua volta.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa Portugal: Edições 70, 1977
- CAVALCANTE, N.; TRONCOSO, M. Autismo e Conforto Ambiental, p. 1425-1434 . In: 16° ERGODESIGN – Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano Tecnológica. *Anais do* São Paulo: Edgard Blücher Proceedings, 2017. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/16ergodesign-0141
- GEHL, J. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GRANDIN, T.; PANEK, R. *O cérebro autista: pensando através do espectro*. Rio de Janeiro: Record 2016.
- HIGASHIDA, N. *O que me faz pular*. Introdução de David Mitchell. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- HOLL, S. *Questiones de percepción: fenomenologia de la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.
- MOSTAFA, M. An architecture for autism: concepts of design intervention for the autistic user. *Archnet-IJAR. International Journal of Architectural Research*, v. 2, n.1, março 2008.
- ORRÚ, S. E. *Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- OUDENAMPSEN, M. A cidade como playground. Belo Horizonte: *Revista Piseagrama* nº. 03, 2011, p. 52-55.
- PALLASMAA, J. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011
- REDIN, E.; MÜLLER F.; REDIN M. M. *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- ROSA, M. Revisitando os playgrounds de Aldo van Eyck, 1947- 2011. *Vitruvius*. 074.02, ano 07, abr. 2013.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva de Experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- WILLIAMS, D. *Meu Mundo Misterioso: testemunho excepcional de uma jovem autista*. Brasília/ DF: Thesaurus, 2012.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).